

Comunicação Visual

“Praticamente tudo o que os nossos olhos veem é comunicação visual”. Esta afirmação de Bruno Munari, reconhecido *designer* italiano, aponta-nos a natureza deste tipo de comunicação, que tem a sua origem nas Artes Visuais.

Bruno Munari afirma que:

conhecer a comunicação visual é como aprender uma língua composta só por imagens, mas imagens que têm o mesmo significado para as pessoas de todas as nações e, por isso, de todas as línguas. A linguagem visual é uma linguagem talvez mais limitada do que a falada, porém, é mais direta. (p. 81)

Destacamos, assim, o carácter universal da linguagem das imagens. Todos conhecemos o papel da linguagem visual, que está presente em inúmeras situações à nossa volta. Isto significa que todos estamos habituados a enviar e receber mensagens através da linguagem visual, embora desconhecendo muitos dos seus códigos e não tendo aprendido muitos aspetos da chamada literacia visual.

Uma ideia que nos interessa destacar é que a mensagem visual pode ser decomposta em informação e suporte. Considera-se o suporte visual como “o conjunto dos elementos que tornam visível a mensagem”, isto é, “todas aquelas partes que devem ser consideradas e aprofundadas para se poderem utilizar com a máxima coerência em relação à informação” (p. 93).

Interessa-nos, portanto, destacar cinco tipos de suporte considerados pelos especialistas das Artes Visuais: Textura, Forma, Estrutura, Módulo e Movimento. A estes há ainda a acrescentar a Cor. Todos estes tipos de suporte têm uma forte ligação à matemática e, por isso, o especialista de comunicação visual recorre a muitas componentes da linguagem matemática e a muitos objetos matemáticos. Não se espera que um professor ou educador seja um especialista de comunicação visual; porém, o conhecimento de muitos aspetos da comunicação visual e o

interesse por esta área podem contribuir para desenvolver a comunicação matemática.

Para despertar ou alimentar o interesse pela comunicação visual fazemos uma pequena experiência ligando dois suportes, textura e forma. Este último é bastante familiar na matemática, mas sobre o primeiro e a ligação dos dois talvez já não possamos dizer o mesmo.

TEXTURA E FORMA

Uma superfície pode ter uma textura ou adquiri-la. Texturizar uma superfície é sensibilizá-la. Podemos, por isso, sentir a textura ou criar a textura. Os *designers* consideram duas grandes famílias de texturas: as orgânicas e as geométricas. As primeiras mais ligadas à natureza e as segundas mais construídas. Um dos desafios dos designers é construir texturas orgânicas recorrendo a processos, muitas vezes, de natureza geométrica.

Para pensar sobre este assunto, o melhor é fazer uma experiência de texturização a partir de uma forma geométrica fundamental, o quadrado. Apresento-vos, por isso, um conjunto de quadrados, divididos em partes, mas sem qualquer tipo de textura (figura 1). Naturalmente que a divisão destes quadrados em partes foi intencional e recorre a aspetos da gramática da forma, usando linhas para marcar o quadrado. Não são linhas quaisquer e foram sendo dispostas de maneira a ficar estabelecido um conjunto organizado de imagens que nos interpela e nos comunica alguma coisa. A cada quadrado foi acrescentada informação pelo facto de terem sido traçadas algumas linhas. Além disso, as figuras são todas distintas e o facto de estarem associadas permite estabelecer ligações entre elas. Propositadamente, há intenção de comunicar alguma coisa de um modo muito livre e aberto, sem recorrer a qualquer tipo de comunicação verbal. Experimentemos agora texturizar as figuras do conjunto obtendo assim um novo conjunto (figura 2). A cada figura foi acrescentada

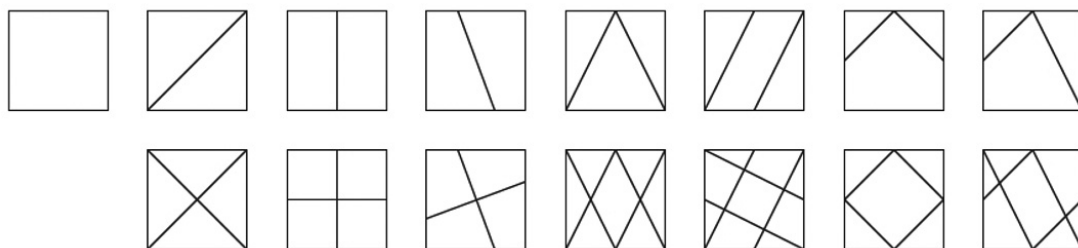


Figura 1

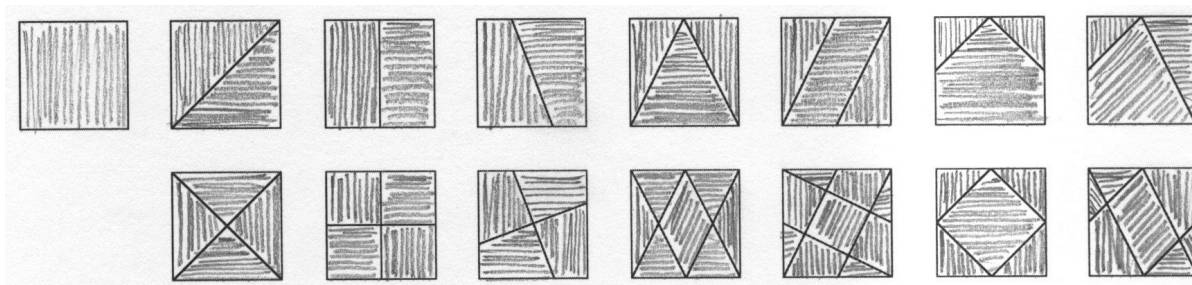


Figura 2

informação visual. Mantém-se a ausência de comunicação verbal. O que ganhamos com a aplicação da textura? O que perdemos? Em que medida a mensagem se enriquece e nos interpela, nos convida a responder estabelecendo, assim, um diálogo meramente visual ou com uma forte componente de comunicação visual?

A aplicação de texturas tem, principalmente, uma função visual. No nosso exemplo, a aplicação da textura teve um propósito de comunicação matemática. E embora ele não tenha sido desenvolvido, ficou bem patente que as várias divisões do quadrado em partes apontam vários tipos de relações que podem ser estudadas geometricamente. Fica o desafio de obter geometricamente, e para cada figura do conjunto, a relação entre todas partes de cada quadrado e o quadrado inicial. Naturalmente que a última figura é a mais intrigante. As relações presentes e a simplicidade dos raciocínios geométricos para as obter são inesperadas.

Os artistas aplicam texturas com objetivos de comunicação de natureza distinta. Para ilustrar intenções estéticas, destaco uma composição de Sol LeWitt (figura 3). Neste caso, mantém-se a forma de partida, o quadrado, também decomposto em partes e mantém-se também o mesmo tipo de tipo textura, isto é, traços paralelos a grafite. Também LeWitt nos intriga e desafia a descobrir o sentido desta sua composição, aparentemente, só estética. Será mesmo só estética?

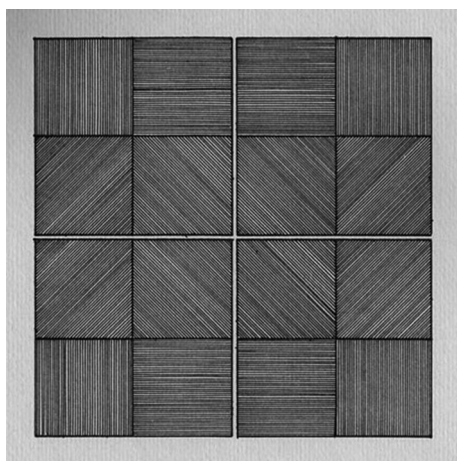


Figura 3

Uma outra composição de LeWitt (figura 4), possivelmente um estudo para uma obra, pode ser associada à comunicação visual que aqui apresentamos. Neste caso, a composição é sem textura e com uma intenção de estudo matemático. No texto que está na imagem pode ler-se: “linhas retas em quatro direções e todas as suas combinações possíveis”.

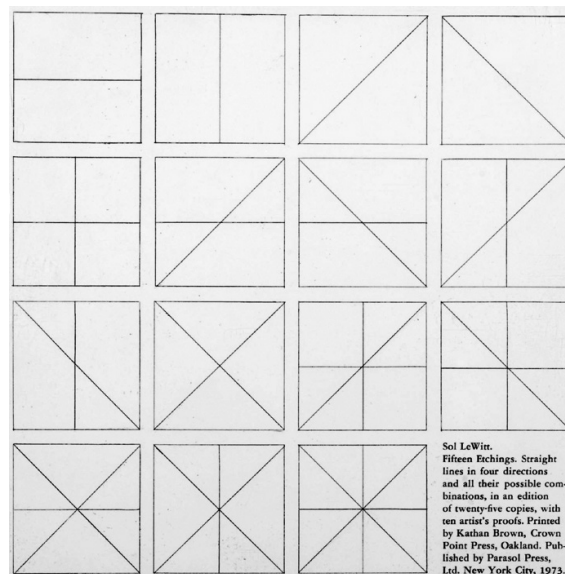


Figura 4

A propósito de Sol LeWitt, sugiro a leitura do artigo de Eliana Pinho, publicado na revista há algum tempo e indicado nas referências. Algumas imagens da obra de Sol LeWitt podem ser obtidas em <https://www.solle Wittprints.org/introduction>.

O objetivo desta nota foi mostrar como a comunicação puramente visual nos pode interpelar e desafiar do ponto de vista matemático. Todas as imagens apresentadas são passíveis de desenvolvimento que o espaço desta nota não permitiu. Fica, assim, a promessa de desenvolvê-las matematicamente na perspectiva da comunicação visual.

Referências

- Munari, B. (1968). *Design e comunicação visual*. Edições 70.
- Pinho, E. (2013). Sol LeWitt – arte contemporânea e matemática. *Educação e Matemática*, 125, 11-22.